3 1761 06680598 7

BRIEF
PQD
0010588

BENTO MANTUA

FREIRA

EPISÓDIO DRAMATICO

EM

1 ACTO

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª
LIVREIROS-EDITORES
186 — RUA AUREA — 188
1916

PREÇO 20 CENTAVOS

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/freiramant00mant

BENTO MANTUA

FREIRA

EPISÓDIO DRAMATICO

EM

1 ACTO

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª
LIVREIROS-EDITORES
186 - RUA AUREA - 188
1916

14 p.

Pertencem á «A JUNÇÃO DO BEM», Instituição de Beneficencia, na freguezia de S. Nicolau, com séde em Lisbôa, *todos os direitos de representação e de impressão* dêste episodio.

Lisbôa, 25 de Abril de 1915.

O Autor.

Brief
PQD
00 10588

Tip. do Comercio — R. Oliveira, ao Carmo, 10 — Telef. 2724

PERSONAGENS

MARILIA.....	*Freira proféssa* —	20	anos
D. RODRIGO.....	*Cavaleiro*	25	»
D. RUY.....	*item*	25	»
MADRE VIGILANTE...	*Personagem muda*		
MADRE RODEIRA.....	*item*		

D. Rodrigo deve apresentar na fronte, requeimada pelo sol de Africa, uma cicatriz bastante visível, que o desfigura.

ACTO ÚNICO

A scena, que representa o parlatório dum convento, é dividida ao meio, e no sentido do comprimento, por duas grades paralélas. Na sala da D, destinada aos visitantes, e sem decoração, devem abrir-se na parede da D e ao meio — uma porta larga de comunicação com o exterior — sôbre a qual ha uma claraboia gradeada que dá passagem à luz; na do F — uma pequena porta que dá para o interior, vendo-se sôbre ela um nicho com uma imagem de N. S. da Conceição, alumiada por uma lâmpada suspensa por correntes. Ao longo da parede corre um banco como os que se vêem ainda hoje em algumas igrejas.

A parte destinada à congregação — sala da esquerda — tem ao fundo uma porta e na parede da esquerda por única decoração um crucifixo grande e, junto, um genuflexório.

Nota.—A acção dêste episódio pode decorrer numa salêta do convento, visto estar averiguado que, com licença prévia, se podia tratar de perto com as freiras. Nesta salêta haverá uma imagem grande dum Cristo crucificado e, junto déla, um genuflexório.

ÉPOCA 1438

SCENA I

D. Rodrigo, D. Ruy e Madre Rodeira

(Madre Rodeira entra seguida de D. Rodrigo e D. Ruy).

D. RODRIGO

Dizei-lhe Madre Rodeira
— sem meu nome revelar —
ser uma alma caminheira,
que de guerra aventureira
se tornou, p'ra lhe falar,

(depois de pequena pausa)

Por mercê, Madre Rodeira,
presto, presto ide-a avisar.

(Madre Rodeira sai).

SCENA II

D. Rodrigo e D. Ruy

D. RUY (*olhando-o e depois de curta pausa*)

Sois descorado, inquieto
e porquê, amigo meu?

D RODRIGO

Por me encontrar sob o tecto
onde está, quem, por completo
minh'alma de luz encheu!

Mas tremo, tremo como nunca
em Tanger, eu, jámais tremi,
quando da morte a garra adunca
de mim tão junto sempre vi!

Mas tremo, tremo como um vime
quando dos ventos á mercê...

D. RUY

Que tôrvo sonho vos oprime?...
porque tremeis assim, porquê?

D. RODRIGO

Não sei que magoas presagío!...

D. RUY

Tende coragem, D. Rodrigo,
vereis ser tudo um desvarío.

D. RODRIGO

Deixai-me a sós, Ruy, meu amigo.

(D. Ruy sai, D. Rodrigo olha em torno e fica-se pensativo. Aparecendo do lado destinado á congregação Marília e a Vigilante).

SCENA III

MADRE VIGILANTE, MARILIA E D. RODRIGO

D. RODRIGO *(num suspiro)*

Meu Deus!...

(Marília acérca-se do gradeamento. A Madre Vigilante fica ao F. lendo um breviario. D. Rodrigo despertado pelo rumor produzido aproxima-se da grade).

Senhora minha.

MARILIA

Ao vosso chamamento
Correndo vim asinha.

D. RODRIGO

Por tal deferimento
mui grato as mãos vos beijo
e a meu cometimento
dai o perdão que almejo...

MARILIA

A causa que vos trouxe,
Sabê-la é meu desejo ..?

D. RODRIGO

Como se meu não fôsse
vosso desejo o meu!...
cumpri-lo presto vou.

(Para si)

Mas quão mudado estou...
não me reconheceu!...

(a Marília)

Cinco anos ha, se a mente me não falha,
que as mais fidalgas hostes se aprontaram,
e em busca de vitórias ou mortalha
das lusitanas praias se abalaram;
p'ra disputar em árdua batalha,
no continente negro onde aportaram,
ás belicosas tropas mussulmanas,
Arzila e Tanger, praças africanas.

MARILIA *(com tristeza)*

Porque vindes com triste falamento
dar á minh'alma o que éla não esquece,

se nem sofrer maior agravamento
póde esta dôr que mór se não conhece!?...
—Porque trazeis a meu isolamento
e á paz que a Deus suplíco em viva préce,
na lembrança cruel déssa partida,
a de um ente a quem dei inteira a vida!?

D. RODRIGO

Para falar-vos dêle é que vim, tão sómente,
procurar-vos, Senhora, á paz dêste mosteiro;
para a nóva vos dar que a seu 'sfôrço valente,
em recompensa coube, o grau de cavaleiro.

MARILIA *(erguendo os braços ao ceu)*

Graças vos dou, Senhor, porque os rogos ouvistes
da vossa pobre serva, aqui posta em clausura;
e se ao meu bem amado, as honras conferistes,
cabidas, bem o sei, que o fôram p'la bravura!

(a D. Rodrigo)

Contai-me o que sabeis, que uma doida alegria
em minh'alma entornais, falando em D. Rodrigo:
sua afanosa vida espero, dia a dia,
ouvir narrá-la a vós, que fostes seu amigo.

D. RODRIGO

Amigo sou e lial, como outro não existe;
que de tanto lhe qu'rer, 'té nêle me confundo;
que ri, quando êle ri, e chora se êle é triste
e o Mundo deixará ao deixar êle o Mundo!

MARILIA *(com angustiosa raiva e depois crescente anciedade)*

—Ou não vos compreendo, ou pretendeis Senhor
mostrar que a usurpação 'té co'os mortos se atreve!
Nóvas de D. Rodrigo, oh! dai-m'as por favor!
E' vivo?... Morreu já?...

D. RODRIGO

Ides sabê-lo em breve.

De lança, espada, arnês e pluma ao vento,
se partiu D. Rodrigo para a guerra,
deixando o coração em lusa terra,
a quem também lh'o déra em juramento.

— Antepondo á soidade todo o alento,
á ideia da vitória mais se aferra,
e com bravura tal, que os seus aterra,
dos Moiros se tornou vivo tormento.

Mas contrária lhe foi um dia a sorte
e sob rijo golpe do inimigo
prostrado se ficou seu peito forte.

Deus quiz, porêm, salvar dêsse perigo
quem sempre tão de frente olhou a morte...
e á patria se tornou, pois, D. Rodrigo.

MARILIA *(com amargo arrebatamento e num chôro convulso)*

Vivo! Vivo! Mentiram, sim mentiram!
E consentistes Deus, néssa baixeza!
Trazerem luto a amôr de tal grandeza
como outros peitos nunca assim sentiram!

Porque foi que de morte os céos feriram,
o coração que soube, com firmeza,
para fugir do mundo á vil torpeza,
acolher-se ao mosteiro onde o iludiram?!...

Porque, deixastes, Deus, que se enganasse,
quem d'amor, p'ra guardar sem mancha a palma,
vos rogou que dos dânos o isentasse?...

E assim negando-lhe a implorada calma,
quizestes que a mentira lhe arrancasse
do corpo seu, em vida, toda a alma?

D. RODRIGO *(depois de pausa)*

Mas quem foi o alviçareiro
de tal nóva refalsada?

MARILIA

Um rôtinho caminheiro
a quem Deus quiz dar poisada
p'r'uma noite de Janeiro.

Que de Tanger se tornára,
me repetiu muitas vezes;
e a Lusa costa alcançára,
quando a morte os portuguêses
de todo desbaratára!

E chôroso me volveu,
que uma lembrança sombria
de todo o peito lhe enchia;
e entre prantos, descreveu
de Dom Rodrìgo a agonia.

D. RODRIGO *(com arrebatamento)*

— Mentia, o pêrro judeu!
Por minha fé que mentia!
pois Dom Rodrigo, sou eu.

MARILIA *(num grito)*

Vós, Senhor!...

D. RODRIGO

Eu, sim.
Oh! Marília amada!

MARILIA *(com angustia)*

Ai! pobre de mim!
Ai! de mim coitada!

D. RODRIGO

A pedir-vos cumprimento
duma promessa gentil

que de amôr, em juramento,
déstes por noite de Abril;
eis-me aqui nêste momento,
a pedir-vos cumprimento!

E á minh'alma toda vossa,
não negueis, por Deus, a luz,
que de mim a dôr se apossa
se não m'a entornais a flux;
falai, pois, que se alvoróça,
a minh'alma toda vossa!

MARILIA *(com grande amargôr)*

Ouvi-me Dom Rodrigo, pois é grave
o que a dizer-vos tenho ao que rogastes.

D. RODRIGO

Se a outro amôr o meu sacrificastes
que meu sepulcro já a morte cave.

MARILIA

De vos traír jámais podeis arguir-me,
que pronta vim esp'rar-vos em clausura,
mas tão sómente a quem, com impostura,
em pleno coração veiu ferir-me.

Pois o quanto vos quero, nem eu sei!...
mas o que tanto e tanto ambicionava,
póde 'inda revelar de Deus a escrava...

D. RODRIGO

Senhora, dizei, pois...

MARILIA

Ouvi.

D. RODRIGO

Dizei.

MARILIA

Queria ir convosco p'ra longe passar,
o resto da vida num monte isolado
e em pobre choupana do munda ocultar
o candido afecto por ambos jurado!

Que apenas soubessem dos nossos amôres,
o sol, as estrêlas, o argenteo luar,
o vento e o regato que passa entre flôres
gemendo queixumes em seu murmurar.

Que as aves saudassem nas verdes balseiras,
o nosso consorcio, com terna harmonia,
e a brisa levasse nas ásas ligeiras,
os sons dessa orquestra de maga poesia!

Fugidos, fugidos a olhos profanos,
que bom não seria vivermos assim!...
correndo velozes iriam os anos,
sem mágoas, sem queixas... num gôso sem fim!
.....
Queria convosco num monte isolar-me;
p'ra longe, bem longe, do mundo fugir:
que a gélida morte descendo a buscar-me,
nos visse bem juntos de amôr, a sorrir.

(com imensa tristeza)

Porêm como a estrêla que lá nas alturas
de luz uma curva descreve e se apaga,
assim meu anceio de loucas venturas,
a falsa noticia, cruel, pronta esmaga!

E então a noviça, co'a alma partida,
p'ra sempre renéga mundano confôrto
e os habitos toma sem pena da vida,
e résa p'lo noivo que julga ser morto!

D RODRIGO *(num grito angustioso)*

Sois freira!?... Freira!?... Professástes!?

MARILIA *(chorosa)*

Senhor, por morto já vos tinha.

D. RODRIGO

Minh'alma agora esfacelástes...!

MARILIA *(com muito amargor)*

De ha muito o foi tambêm a minha!

(O orgão, fóra da scena, ouve-se numa harmonia acompanhando um côro, cujos versos vão no final da peça).

D. RODRIGO *(num ar de revolta para o céo)*

P'ra que quizeste oh! Deus, poupar-me á morte,
quando em Tanger lhe fui quasi catívo...?
Para me dares agora a negra sorte
de ter a morte n'alma e o corpo vivo?!...

E todavia eu sei onde encontrá-la
para rogar-lhe termo aos pesáres meus;
aos campos da batalha vou buscá-la...

(Voltando-se para Marília e com repassada tristeza)

Noiva minha... perdida! Adeus!... Adeus!...

(Sai correndo)

SCENA IV

MARILIA E MADRE VIGILANTE

MARILIA *(cai de joelhos e Madre Vigilante vem aproximando-se déla)*

Avé, María! Oh! Virgem santa e pura!
A vós que tanta lagrima enxugais,
e que do trôno vosso lá n'altura,
dos pecador's as préces escutais:

A graça vos suplíco de negardes
a Dom Rodrigo, a morte que procura,
e entre o genero humano de acabardes
com a guerra, que em féra o transfigura.

E se, para entre os homens haver calma,
minha morte, Senhora, vos sobeja,
aqui me tendes pois em corpo e alma
a bradar-vos; oh! Virgem!... Assim seja!

(Cai desfalecida nos braços da Madre Vigilante).

O PANO DESCE LENTO

Côro de freiras

1.º

Virgem santa e pura
Mãe de piedade,
Que da Humanidade
O pranto enxugais
P'la dôce clausura
Que, em paz, disfrutâmos,
Bem de alma, bradâmos:
Bemdita sejais!

2.º

Bemdita, bemdita
A luz redentôra
Com que Vós, Senhora,
Nos iluminais.
Por graça infinita
Ó Virgem amada
Valei a quem brada:
Bemdita sejais!

Musica expressamente escrita pelo Ex.mo Sr. Dr. José de Padua.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
0010588

01809176

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 09 12 04 003 0